



 **escola de
oportunidade**

O invisível que sustenta o *VISÍVEL*

Por Roberto Tranjan

Existe algo curioso na forma como as empresas se organizam. Celebramos estrategistas, reconhecemos líderes, investimos em talentos promissores. Diariamente, no entanto, há um grupo que mantém tudo em pé – sem palco, sem aplauso e, muitas vezes ou quase sempre, sem voz.

É o chamado “chão de fábrica”. Por que não ser, na verdade, o chão da dignidade?

São gentes que operam máquinas, organizam estoques, limpam ambientes, garantem fluxos. Gentes que, quando lembradas, quase sempre são convidadas a aprender mais uma técnica, mais um procedimento, mais uma forma de fazer melhor aquilo que já fazem.

Raramente são convidadas a olhar para si.

Quando ensinamos apenas o fazer, sem cuidar do ser, criamos uma relação objeto com essas pessoas. Criamos execução sem sentido. Criamos, no limite, pessoas que funcionam e até podem ser eficientes. Mas são autômatos que não florescem. Pessoas que não florescem dificilmente sustentam, por muito tempo, aquilo que ajudam a construir.

A pergunta que poucas empresas fazem – mas que muda tudo – é simples: quem são, de fato, as pessoas que sustentam o nosso negócio? O que sentem? O que carregam? O que sonham – quando ainda conseguem sonhar?

Ignorar essas perguntas tem um custo invisível: desengajamento sem razão aparente, rotatividade permanente, relações endurecidas e uma cultura que, aos poucos, perde vitalidade.

Quando, porém, uma empresa decide olhar para essas gentes de outra forma, algo mágico acontece. Deixa de ver apenas as mãos e passa a enxergar histórias. É nesse ponto que começa outro tipo de desenvolvimento. Não apenas o treinamento que ensina como fazer melhor, mas a jornada que convida a pessoa a descobrir em quem pode se tornar.

A Escola de Oportunidade nasce exatamente desse lugar. Não vai substituir o técnico, mas vai lhe dar um chão mais firme.

Trabalhamos a partir de cinco travessias humanas – que chamamos de Ob Portus:

- A intenção: quem sou, para além do crachá?
- A percepção: como me vejo, vejo o outro e vejo o mundo?
- A relação: como me conecto – de verdade – com quem está ao meu lado?
- A conexão: para que faço o que eu faço?
- A ação: que tipo de marca deixo por onde passo?

Quando essas travessias acontecem, algo muda. O colaborador deixa de ser apenas operacional e passa a ser relacional. A empresa deixa de depender apenas de controle e passa a contar com consciência.

Os efeitos não são abstratos.

Aparecem na redução de conflitos, no aumento de cuidado com o trabalho, na melhoria do clima, na diminuição da rotatividade, na saúde mental e emocional, mas, sobretudo, em algo mais difícil de medir e impossível de ignorar: um novo tipo de dignidade em circulação.

O maior erro das empresas não está em investir pouco em treinamento técnico, mas em investir pouco – ou nada – em humanidade. Não são as máquinas, equipamentos e instalações que sustentam a empresa, mas as pessoas. E elas querem ser vistas, querem encontrar sentido no que fazem, querem espaço para ser ouvidas.

A pergunta, portanto, não é se vale a pena investir nelas. A pergunta é:

Quanto custa continuar não vendo?



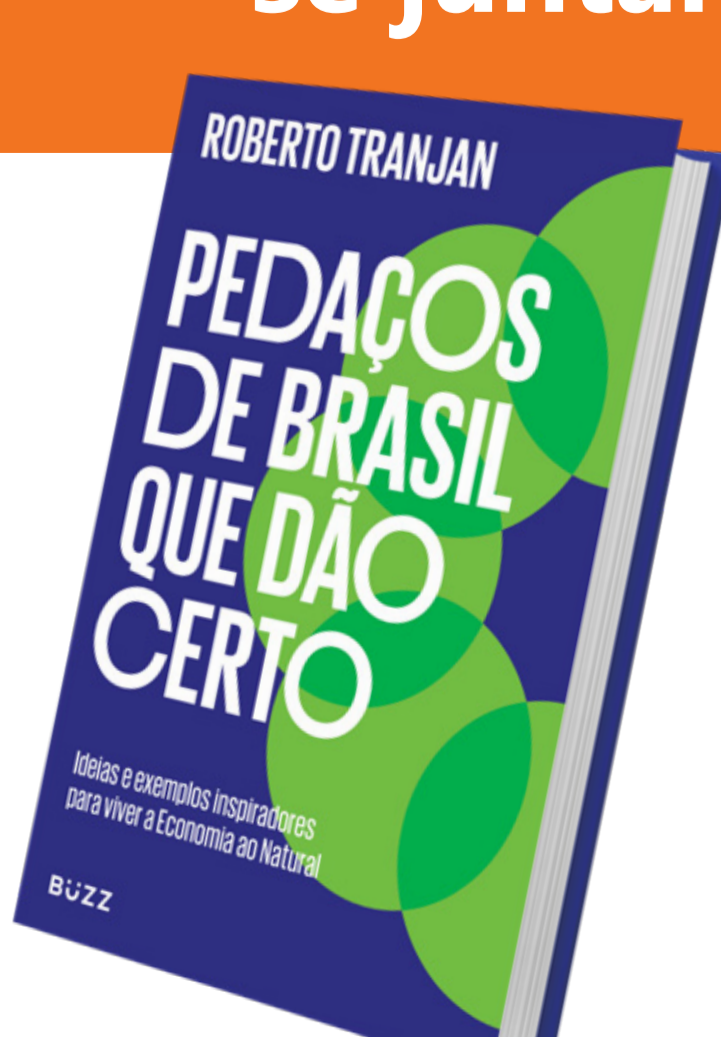
Agenda FORMAÇÃO de Benignador

23, 24 e 25
de Abril

9h às 17h

Em São Paulo

**Convide mais pessoas para
se juntarem à Economia ao Natural!**



**ASSOCIE-SE ou
convide alguém
para se associar
ao IEN!**

